

O professor e o uso de métodos e técnicas no ensino superior



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.006-007>

Aline Barros da Rocha

Graduada em Pedagogia e Biomedicina pela Faculdade Guarai –FAG. Pós graduada em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar; e Docência do Ensino Superior. Coordenadora pedagógica da U.E Irineu Albano Hengdes.

E-mail: vidaamadaaline@gmail.com

RESUMO

O desafio de educar no ensino superior implica em descobrir meios que promova e facilite a aprendizagem, visando preparar o acadêmico para vida. Sempre que possível, o educador, seja do Ensino Superior ou não, deve analisar sua prática pedagógica. A realização desta pesquisa é relevante porque compreendeu agregar o perfil do professor que atua no Ensino Superior como mediador do processo educativo, tendo como princípios criar meios propagadores da aprendizagem, visto que

criatividade é característica importante do fazer pedagógico. Para alcançar os objetivos propostos nesse Artigo, foram realizadas pesquisas e leituras bibliográficas, com abordagem qualitativa. A fim de conhecer a concepção de alguns autores, sobre os métodos e técnicas empregados no ensino superior, tendo em vista que estes podem ser considerados como fato dinamizador da aprendizagem é que surgiu a curiosidade e os desafios de investigar sobre este tema. Com base nos conhecimentos adquiridos na realização deste, foi possível constatar a importância da utilização dos recursos de ensino no contexto universitário, os quais podem contribuir significativamente para o conhecimento produzido pelo aluno. Este artigo foi uma experiência que serviu para ampliar o conhecimento acerca do professor e a importância do uso de métodos e técnicas no Ensino Superior.

Palavras-chave: Professor, Educação, Ensino Superior, Métodos, Técnicas.

1 INTRODUÇÃO

O desafio de educar no ensino superior implica em descobrir meios que promova e facilite a aprendizagem, visando preparar o acadêmico para vida.

Sempre que possível, o educador, seja do Ensino Superior ou não, deve analisar sua prática pedagógica. Quando se pensa, existe a possibilidade de se questionar e com o questionamento há possibilidade de mudar. Todo ser, porque é inacabado, é passível de mudança, progresso e aperfeiçoamento. E isso só ocorre a partir de uma reflexão sobre si mesmo e suas ações. A análise da prática leva a descobrir falhas e possibilidades de melhoria. Quem não reflete sobre o que faz acomoda-se, repete erros e não se mostra profissional.

As perspectivas da educação atual remetem à necessidade de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem e rever o papel do docente, suprimindo sua condição de mero transmissor de conhecimento e substituindo-o por um sujeito que é capaz de analisar sua prática, intervir e construir um percurso inovador. Diante disso, este trabalho tem como objetivo tecer uma breve análise sobre a figura do professor universitário com um perfil inovador, crítico e reflexivo, bem como sobre as formas



que pratica a gestão de suas aulas, com um enfoque especial aos recursos e técnicas que costuma utilizar para tornar a ação pedagógica mais dinâmica e voltada aos interesses e necessidades dos acadêmicos.

A realização desta pesquisa é relevante porque compreenderá o perfil do professor que atua no Ensino Superior como mediador do processo educativo, tendo como princípios criar meios propagadores da aprendizagem, visto que criatividade é característica importante do fazer pedagógico.

Para alcançar os objetivos propostos nesse Artigo, foram realizadas pesquisas e leituras bibliográficas, com abordagem qualitativa. A fim de conhecer a concepção de alguns autores, sobre os métodos e técnicas empregados no ensino superior, tendo em vista que estes podem ser considerados como fato dinamizador da aprendizagem é que surgiu a curiosidade e os desafios de investigar sobre este tema.

Hoje, com tantas fontes de informação disponível fora das instituições de ensino, um dos grandes desafios dos professores é a busca de metodologias que possibilitem despertar o aluno do seu estado de comodismo, passando a integrar-se ao grupo de forma ativa e participativa, garantindo assim uma aprendizagem significativa. Se o professor não se mobilizar para tal será difícil obter pelo menos a atenção dos discentes.

No intuito de clarificar as posições aqui defendidas, o presente artigo aborda sobre os desafios da universidade contemporânea, mais precisamente sobre a prática do professor. Para tanto, buscar-se-á mostrar qual deve ser o perfil de um docente do Ensino Superior, enfatizando ainda sua atuação enquanto professor profissional e como educador. Mostrar-se-á também as características essenciais à docência no Ensino Superior, que dentre elas estão a necessidade de o professor ser um eterno pesquisador, pois assim terá capacidade de dinamizar suas aulas com muita criatividade.

2 DESAFIO DA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA: A PRÁTICA DO PROFESSOR

Tendo em vista o atual contexto histórico, percebe-se que a universidade tem um enorme desafio a enfrentar: começar a escrever um novo capítulo de sua própria história a fim de atender às necessidades do mundo globalizado. Ou seja, formar cidadãos e profissionais que desenvolvam sua capacidade de pensar, de refletir e agir com criticidade.

De acordo com Dias Sobrinho (apud FERREIRA, 2003, p. 189),

A universidade de hoje deve tematizar a sua função formativa. Na formação de pessoal de nível superior deve ser levada em conta a significação social dos conhecimentos e habilidades como um dos importantes critérios de qualidade acadêmica.

Analisando a citação acima pode-se perceber que sendo o conhecimento um dos mais importantes fundamentos da sociedade que se está construindo e, por consequência, da globalização, é preciso ter claro o significado que a ele está-se atribuindo.



A globalização é, sem dúvida alguma, um dos fenômenos ligados às transformações da sociedade contemporânea que exercem maior influência sobre o ser e o fazer da universidade.

Várias podem ser as maneiras de responder aos desafios de repensar o papel da universidade, mas a principal delas volta-se para a construção de um processo de educação que tenha, na qualidade, seu pressuposto fundamental de ressignificar o sentido da formação do indivíduo.

No bojo da indispensável transformação, que deverá estar voltada para valores e competências, é preciso dar especial atenção à prática do professor, pois este deve apresentar não apenas competência técnico-pedagógica, mas principalmente estar em sintonia com seu tempo, tendo como horizonte de aperfeiçoamento um processo de aprendizagem contínua capaz de responder às demandas e aos desafios da atualidade.

A atuação do professor universitário deve se embasar na concepção de *práxis educativa*, concebendo o ensino como uma atividade complexa que demanda dos docentes uma formação que supere o mero desenvolvimento de habilidades técnicas ou simplesmente o conhecimento aprofundado de um conteúdo ou disciplina específica.

2.1 QUE PERFIL AGREGAR AO EDUCADOR QUE ATUA NO ENSINO SUPERIOR

A universidade deve ser vista como agência do saber, questionadora desse mesmo saber, e também criadora de novos saberes. Considera-se que essa instituição deva existir em função de uma realidade histórica, política e social, do qual é fruto e sobre a qual atua e intervém, sendo instigadora, e estimuladora do despertar da curiosidade, da ousadia e da iniciativa. Sendo assim, questiona-se: quais as características imprescindíveis que o professor deve agregar para atender aos requisitos anteriormente citados?

Desde logo, detecta-se a necessidade de um professor completo, um profissional que conheça profundamente o campo do saber ao qual pretende ensinar, detentor de senso crítico, conhecedor da realidade, da globalização que o cerca, para então fazer análises criteriosas dos conteúdos a serem ensinados de modo a proporcionar aos discentes a produção de novos conhecimentos. Para tanto, deve inovar e criar métodos didáticos de ensinar a seus alunos com magnitude. A esse respeito Paulo Freire (1996, p. 26) dizia que “foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar.”

Assim, como todo educador, o professor de Ensino Superior deve seguir a maneira e o caminho mais dinâmico e didático para ensinar. Afinal, o desafio de educar implica em descobrir meios que promovem e facilitam a aprendizagem, visando preparar o educando para a vida.

Freire (1996, p.18), afirma que:



É não só interessante, mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compensação dos fatos, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica a postura dos outros.

Em virtude disso, o docente deve proporcionar aos alunos o envolvimento diante o conteúdo aplicado, verificando o desempenho de cada um no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que ocorra êxito para ambos: educador e educando.

A docência universitária precisa de docentes com perfis de profissionais que pretenda manter-se atualizado, competente em sua área de atuação, empreendedor, com uma visão ampla às questões gerais da sociedade, aberto ao novo e com poder de ideias criativas, e de decisões rápidas e seguras, assim, se torna um educador aberto ao aprendizado constante. Nesse sentido, conforme diz Pedro Demo (1996) que o professor tem que aprender a aprender para não ficar obsoleto. Nesse caso, aprender não é, de modo algum, manejar certezas, mas trabalhar com inteligência as incertezas.

O Ensino Superior, tendo como objetivo principal a formação de profissionais, nas mais diversas áreas, deverá ter seu quadro profissional capaz de orientar, acompanhar e avaliar àqueles que irão para o mercado de trabalho.

O profissional de educação, para exercer a função docente deverá atender a um perfil que venha ao não caía na rotina e/ou tenha visão errônea de que o aluno não está preparado para a aprendizagem. Caberá apresentar características para desenvolver um trabalho de acordo com essas mudanças, dentro das dimensões: educativa, didática, organizacional e de valores, pois como dizia Paulo Freire (1996, p. 52):

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas precisa de ser constantemente testemunhado, vivido.

Sendo assim, é importante que a ação docente torne-se objeto de reflexão e orientação presentes no seu ensinar cotidiano.

2.2 PROFESSOR ENQUANTO PROFISSIONAL

O professor profissional possui conceitos sobre seu trabalho e é consciente das normas, dos valores que o acompanha na sua atividade cotidiana, desenvolve habilidades cognitivas, transitando entre experiências adquiridas dentro e fora de sua prática profissional. Nessa ótica, é importante que o professor saiba lidar com as diferenças da subcultura, ocasionando entre ele e aluno atitudes determinadas por valores, cooperação, respeito e tolerância.

A sua posição em relação aos avanços nos campos da sociedade, ciência, da técnica, do meio ambiente, da cultura, da saúde, da política, da filosofia de vida se torna necessária, pois o profissional



da educação deve inteirar-se a respeito das transformações mantendo-se constantemente atualizado. A esse respeito Porlán (1998, p. 17) afirma:

O conhecimento profissional não se restringe apenas ao conhecimento acadêmico, originado de estudos de conteúdos específicos, sistematicamente organizados, e de conteúdos didático-pedagógicos, com frequência justaposta aos primeiros de forma fragmentária e descontextualizada, sendo, por isso mesmo, pouco significativo para o professor. Muito mais do que isso, o conhecimento profissional é diferenciado de toda disciplina concreta.

De acordo com exposto, percebe-se que o processo de construção que vai elaborando pouco a pouco o novo conhecimento profissional possibilita uma melhor compreensão da realidade e reforça no profissional do ensino a responsabilidade pela decisão tomada.

O ofício de professor requer a consciência de que ele é um modelo importante para seus alunos; uma conduta idônea é fundamental nesta profissão. Assim, é necessária capacidade de lidar com os problemas, sempre com muita responsabilidade, e imparcialidade, objetivando resolver as questões que surgem no dia-a-dia. Sua atividade profissional deve ser permeada de entusiasmo, sempre atento numa postura autocrítica e convicto sobre seu trabalho. Desta forma, o professor profissional torna seu trabalho coerente e dirige suas ações, visto que conhece seus pontos fortes.

Segundo Grillo (2001, p. 138), “o cotidiano da sala de aula é sempre instável e exige do professor a reinterpretação de cada situação problemática em decorrência do confronto desta com outra experiência já vivida, a qual nunca se repete”.

A profissão docente exige o uso constante do raciocínio. Ela é prática, mas também é muito reflexiva, sendo assim, é necessário estar sempre criando algo, escrevendo artigos para jornais, fazendo discursos, elaborando artigos científicos, fazendo concursos literários, não tendo vergonha de “*ser*”, pois quem não gosta de ler, nem de escrever, não pode ser professor, está na profissão errada.

Hoje, não há mais aquela história de “cadeira cativa”, pois o risco de perder o emprego é real, especificamente sobre este profissional de ensino, a responsabilidade dele é significativa, pois demanda a formação de profissionais que irão atuar nos diversos ramos da atividade humana e isso se traduz na própria sustentação da sociedade, influenciando no modo de produção e nas relações sociais existentes, bem como na interação do indivíduo com a natureza e com os demais seres vivos. Neste sentido ser professor universitário é um passo que se dá além dos muros das universidades. Esta realidade encontra-se perfeitamente explícita nas palavras de Francisco Campos, ex-Ministro da Educação do governo Vargas:

O nível universitário deve ir além do mero ensino, deve envolver-se com a cultura desinteressada e com a pura ciência e exercer no meio social a influência educativa que seja a base das atuais necessidades de nosso aperfeiçoamento, técnico, científico e cultural. A ele cabe conservar os resultados e conquistas, estender o seu domínio e dilatar os raios de suas aventuras como centro e foco de irradiação da cultura nacional, treinar as gerações na arte e no uso da razão. A Universidade não é a escola de êxito, mas a escola da busca da verdade. (apud CURY, 1984, p.103)



A atuação do educador de Ensino Superior precisa ser pautada pelo exercício da reconstrução social. Sua ação como docente deve refletir uma análise sistemática da realidade, criticando quando necessário e buscando alternativas de modelo social com seus alunos, pois se vive uma época de transição, marcada pela perda de confiança na validade dos conhecimentos atuais que se apresenta na complexidade e ambiguidade das incertezas. Dessa forma, há que se assumir e controlar a insegurança na construção do novo para lidar com os conteúdos em sala de aula.

2.3 PROFESSOR ENQUANTO EDUCADOR

A reflexão sobre a prática pedagógica é um dos principais indicadores de que aos poucos vem sendo construída uma perspectiva de busca do novo, da colocação em prática de uma nova compreensão do papel da instituição universitária e, conseqüentemente, do papel do professor na sociedade do conhecimento.

Assim, considera-se que a sociedade precisa valorizar o profissional da educação, pois para se formar bons profissionais é necessário ter bons educadores e estes devem ter seus méritos reconhecidos. Dessa forma irá desenvolver com mais eficiência suas atividades e os reflexos se voltarão para uma melhora na qualidade dos profissionais que as Instituições de Ensino Superior formarem para o mercado.

Rubem Alves (2006, p. 16-19) sabe bem o valor de um educador e o difere do professor da seguinte forma:

Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. (...) Eu diria que os educadores são como velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma 'estória' a ser contada. Habitam um mundo em que o vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma entidade *sui generis*, portador de um nome, também de uma 'estória' sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois.

Em análise ao pensamento de Rubem Alves, acredita-se que quando se trata de formar pessoas realmente é preciso que o profissional do ensino seja um verdadeiro educador, não necessariamente por ter vocação, mas por colocar-se como mediador entre o aluno e o conhecimento para que possa se efetivar a produção de diversos saberes. Consoante a essas ideias pode abordar aqui o pensamento de Gil (2006, p. 36-37):

A docência no Ensino Superior não pode ser exercida apenas por especialistas em determinada área do conhecimento que buscam nas aulas uma forma de complementar seu salário. Também não pode ser exercida por pessoas que julgam interessante ostentar o título de “professor universitário” ou que lecionam porque vêem a atividade como uma “atividade relaxante” que tem lugar depois de um dia de trabalho árduo. Requer-se hoje um professor universitário competente. Ou seja, um educador.



Especificamente sobre os educadores universitários que atuam na formação de outros professores, os professores das licenciaturas, é necessário que estes possibilitem que os futuros profissionais docentes se descubram como pessoas, se auto realizem e, conscientes de seu poder, descubram a comunidade como parte do todo, e nela atuem na transformação da sociedade.

3 CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS À DOCÊNCIA SUPERIOR

A atual educação no Ensino Superior articulada à necessidade do domínio de certas competências desafia os educadores, de tal sorte que os mesmos precisam considerar em sua prática a necessidade da pesquisa, bem como a criatividade em sala de aula, como pode ser observado nos dois itens que compõem este capítulo.

3.1 O PROFESSOR PESQUISADOR

Uma das características marcantes do Ensino Superior é abranger o ensino, a pesquisa e a extensão. Isso pressupõe que um docente desse nível de ensino seja um pesquisador. Não há como levar adiante a profissão docente sem que se tenha também um projeto de pesquisa em andamento. Isso ocorre porque legalmente do professor de Ensino Superior é exigido o mestrado ou o doutorado e não há como ser mestre ou doutor sem se desenvolver projetos de pesquisa.

O Ensino Superior caracteriza-se pela produção de conhecimentos. Caso não ocorra esta produção não se pode considerar que é genuinamente um Ensino Superior. E a produção de conhecimentos não se dá por caso, é preciso que haja pesquisa, e pesquisa científica no rigor da expressão.

As condições de ensino mudam dia-a-dia e não existe a segurança do que “dá certo”. Nessa mesma perspectiva, o professor necessita ser um pesquisador que questiona o seu pensamento e sua prática, age reflexivamente no âmbito dinâmico, toma decisões e cria respostas mais adequadas porque são construídas na própria situação concreta. (GRILLO, 2001, p.138)

Pode-se entender que por meio da pesquisa científica os professores ampliam seus conhecimentos e modificam sua prática docente, ficando evidente que o ensino de qualidade que se almeja pode ter sua base exatamente na pesquisa.

Nas Universidades no que diz respeito à docência, ainda se encontra a figura do professor bom pesquisador, capaz de, através de estudos sistemáticos e de investigações, produzir novos conhecimentos e induzir seus alunos a também criarem.

Com relação à figura do pesquisador, é um professor eficiente e consagrado, que dedica o máximo de seu tempo ao estudo e pesquisa, por isso tem relevantes produções científicas que contribuem para o avanço das Ciências.



As atividades docentes desse tipo de profissional proporcionam aos alunos o gosto de aprender e desenvolver a curiosidade científica que lhes são tão característicos, possibilitando-os virem a descobrir realmente o papel do pesquisador, e até mesmo de serem futuros pesquisadores.

Mas o acontecimento de um ensino-aprendizagem através da pesquisa depende muito do conhecimento do professor. Se ele não tiver competência e habilidade para pesquisar, não terá sucesso com os seus alunos. Assim, alunos e professor mergulham na “arte da improvisação” a qual não combina de forma nenhuma com a pesquisa científica.

A aproximação de educação e pesquisa está, sobretudo, no ímpeto emancipatório de ambas, já que alimentam a consciência crítica, questionamento, capacidade de intervenção alternativa, ligação de teoria e prática, trabalhando acuradamente a competência emancipatória da pessoa e da sociedade. (DEMO, apud FERREIRA, 2003, p. 205)

É no contexto deste entendimento do papel da pesquisa no Ensino Superior – no aperfeiçoamento de professores e alunos – que acredita-se que uma educação pela pesquisa pressupõe três elementos essenciais para que se obtenha sucesso: que o professor seja um pesquisador, que a escola/universidade ou a comunidade (dependendo do tipo de pesquisa) tenha as fontes de pesquisa e que se deem condições instrumentais para que a pesquisa seja feita com seriedade e responsabilidade.

É comum em algumas Instituições de Ensino Superior, professores sugerirem pesquisas para os alunos sem indicação das fontes, sem esclarecer os objetivos e sem dotá-los dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de uma pesquisa científica. O resultado disso é o “viés”, ou seja, os resultados falsos que são expostos para a comunidade como se fossem verdadeiros.

Segundo Demo (1996, p. 2),

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científica e educativo e a tenha como “profissional”, sobretudo na educação básica, já que não cultiva em si, mas como instrumento principal do processo educativo. Não se busca um “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa. Decorre, pois, a necessidade de mudar a definição do professor como perito em aula, já que aula que apenas ensina a copiar é absolutamente imperícia.

Verifica-se pela posição deste autor que o profissional da educação tem o dever de ser um pesquisador, não que tenha a obrigação de ser um profissional da pesquisa, mas que saiba no mínimo utilizar corretamente os instrumentos de pesquisa. Isso é uma significativa responsabilidade social. Um fato importante é que enquanto desenvolve sua pesquisa o professor tem a oportunidade de socializar sua produção com os seus alunos, caso haja oportunidade para isso.

Em sua obra “O Bom Professor e sua Prática” (1989) a professora e pesquisadora Mabel – PUC/RS, mostra que os professores de Ensino Superior que são pesquisadores gozam de mais credibilidade junto aos alunos e conseguem ensinar com maior facilidade, embora isso não seja uma regra, conforme ela alerta.



O sucesso do ensino-aprendizagem através da pesquisa é mais provável quando se trata de Ensino Superior e depende muito do conhecimento do professor a este respeito. Se ele não tiver competência e habilidade para pesquisar, não terá sucesso com os seus alunos.

Novamente toma-se como base às colocações de Pedro Demo (1996, p. 2) que faz uma consideração importante a esse respeito: “Se o professor durante sua formação não foi incentivado a pesquisar, como ele fará isso com os seus alunos?” O que se pode analisar em relação a esse questionamento é que o autor considera que muitos professores de Ensino Superior que não praticam a pesquisa não são de todo culpados disso, pois há elementos que atrapalham seus anseios de ser pesquisador ou mesmo porque nunca foi instigado a isso quando estava na academia ou mesmo na pós-graduação.

Porém, o simples fato de atuar como docente no Ensino Superior, por si só, já deve servir como um incentivo e estímulo à curiosidade desse profissional para dedicar-se à investigação, pois segundo Beluzzo (apud RIVERO e GALLO, 2004, p. 146),

É nesse momento que o fator “curiosidade” tem importância, isto porque desafia a intencionalidade do corpo aprendente em investigar, gerando o desejo de querer saber/sentir, de querer aprender. Portanto, deve-se aguçar a auto-organização do conhecimento pela investigação da realidade, fazendo com que o ensino rompa com uma postura disciplinar imposta por grades curriculares caracterizadas por disciplinas descontextualizadas da realidade e das inovações.

Em todo caso, como é requisito essencial para a docência superior o exercício da pesquisa, as universidades devem ter muito cuidado ao contratar seus docentes: primeiro verificar se estes já têm uma pesquisa desenvolvida ou em andamento, ou se no mínimo pretendem fazê-lo. O que não se concebe é que dentro de uma universidade se tenha professores que não saibam pesquisar ou que não saibam trabalhar isso com os seus alunos.

Há de perceber, porém, que toda pesquisa deve ter um sentido social, ou seja, os conhecimentos produzidos por ela devem servir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. Na obra “Entre a Ciência e a Sapiência” (2006), Rubem Alves procura mostrar que todo conhecimento científico sem o emprego da sabedoria é estéril, isto é, nada de bom produz. Entretanto, uma pesquisa que não tenha seu sentido social torna-se apenas um “elefante branco”. Transforma-se em gastos enormes para o governo sem que isso tenha retorno.

Neste ponto o professor pesquisador deve atentar para o bom uso dos conhecimentos produzidos por sua pesquisa – sendo sábio, é claro –, pois partindo de sua experiência ele compreende que seus alunos não são meros recipientes do conhecimento produzido pelos pesquisadores das universidades.



Ensinar, aprender e pesquisar consolida a prática educativa do professor de 3º Grau, o que é necessário é que o professor se perceba, se conheça e se assuma como professor pesquisador. Porém, é constante presenciar perguntas tais como: ensinar exige mesmo pesquisa?

Segundo Freire (1996, p. 32), não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, por isso às vezes encontra-se aquele tipo de professor que tenta, e até consegue conciliar docência e pesquisa.

Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo, buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Esse tipo de educador, que instiga, indaga, pesquisa, intervém, consegue conciliar a docência e pesquisa. Este tipo de profissional pode ser encontrado nas Faculdades particulares; suas pesquisas são desenvolvidas como atividades concomitantes levadas à docência e com um tempo de dedicação muito além do desejado, ficando muitas vezes dividido entre o que quer e o que pode realizar. Em algumas Faculdades este tipo de profissional precisa ministrar inúmeras aulas para garantir um salário razoável.

O que na verdade se busca quando se toca no assunto de formação do professor pesquisador é que ele seja uma agente da ampliação da cidadania e que discuta com os seus alunos que pesquisar é um ato de exercício da cidadania, pois este elemento constitutivo do viver humano não é doado a ninguém, é adquirido, e com muito esforço. Entende-se, portanto, que a cidadania, sendo um bem a se conquistar precisa que haja agentes que facilitem a consecução desses meios e o professor de Ensino Superior é um desses agentes.

3.2 O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E A CRIATIVIDADE EM SALA DE AULA

Considera-se a criatividade como um recurso humano natural que necessita ser mais cultivado no fazer pedagógico. Quando as mudanças se aceleram ela se constitui uma habilidade necessária à sobrevivência. Neste sentido, o papel do pensamento criativo se torna crescente na solução de problemas educacionais, econômicos, políticos e sociais.

O ensino criativo, se permeado por um educador de 3º grau, é uma forma dinâmica de ensinar e aprender, em que o educador deve exercitar habilidade de reflexão procurando formas para desenvolver metodologias e utilizar técnicas mais criativas e significativas, visando manter suas metas de eficiência e eficácia.

É necessário repensar a prática docente quanto ao conteúdo e a forma como vem sendo trabalhados, que geralmente acaba sendo voltado para a reprodução e memorização.

É importante destacar que não basta só o conhecimento, mas é de grande relevância o exercício da capacidade de pensar, imaginar e criar. Por isso se deve ampliar o leque de habilidades a serem a serem estimuladas e acentuar a satisfação e o prazer de aprender. Faz-se necessário ainda reformular a



imagem do aluno ideal, na qual a obediência, a passividade e o conformismo ocupam o lugar central, para nela incluir o compromisso, a dedicação, o entusiasmo, a iniciativa, a persistência, a capacidade de aprender com os próprios erros e a curiosidade como traços que contribuem de forma significativa para a busca de técnicas de ensino e metodologias dinâmicas, para a interpretação de problemas sob novos ângulos e para um melhor aproveitamento das capacidades criativas.

Segundo Alencar (1993, p. 12), para favorecer a expressão do aluno, o professor precisa conhecer e praticar algumas dimensões da criatividade, sendo assim, cabe ao docente de 3º grau propiciar:

- **Habilidades relacionadas ao pensamento criativo:** fluência de ideias, flexibilidade e originalidade de pensamentos.
- **Traços de personalidade que favorecem a expressão da criatividade:** iniciativa, independência, autoconfiança, persistência, curiosidade, espontaneidade, intuição, entre outros.
- **Clima psicológico:** um clima favorável ao florescimento de novas ideias, é um ambiente encorajador e positivo, onde o aluno se sente seguro e livre para expor suas ideias.

Ele aponta ainda vários caminhos para promover condições de desenvolvimento do potencial criador de seus alunos.

- Lembre-se que o aluno expressa de forma mais plena suas habilidades criativas quando realiza atividades que lhe dá prazer;
- Não se restrinja a exercícios e atividades que possibilitem apenas uma única resposta correta;
- Promova um ambiente que estimule ideias criativas;
- Desenvolva habilidades que requeiram do aluno a iniciativa e a independência;
- Estimule a curiosidade dos alunos por meio de atividades diversificadas e atrativas;
- Diversifique as metodologias e os recursos de ensino utilizados em sala de aula.

Destaca-se que a criatividade na prática docente é de fundamental, pois a todo o momento a habilidade de criar vem ocupando lugar de destaque. Entretanto, sua demanda torna-se mais evidente no contexto educativo por ser um espaço considerado responsável para preparar cidadãos críticos, capaz de desenvolver as competências e habilidades e construir um novo aprendizado.

O Ensino Superior tem espaço para que o professor desenvolva a sua criatividade, iniciativa e experimentação que pode ser organizado no momento do planejamento, fator significativo na tematização em sala de aula. Para tanto, o docente deve organizar um acervo de materiais, métodos e técnicas para mediar a aprendizagem em sala de aula, visto que os mesmos podem estabelecer relações entre novos conteúdos e conhecimentos que os discentes já possuem, pois a Universidade enquanto espaço de promoção do saber, tem uma das funções de proporcionar momentos de dúvidas e



descobertas. O educador enquanto mediador da aprendizagem deve ser inovador usando recursos didáticos como alternativa para provocar no educando a indagação que anseia, além de aguçar a busca pelo saber.

4 CONCLUSÃO

Este artigo foi uma experiência nova, que serviu para ampliar o conhecimento acerca do professor e a importância do uso de métodos e técnicas no Ensino Superior.

Com base nos conhecimentos adquiridos na realização deste, foi possível constatar a importância da utilização dos recursos de ensino no contexto universitário, os quais podem contribuir significativamente para o conhecimento produzido pelo aluno.

Foi possível conhecer o perfil do educador que atua no 3º Grau, através de inúmeros autores, compreendendo suas dificuldades e limitações quanto ao uso dos recursos.

Conclui-se, então, que ensinar e aprender são processos complexos, e que professores e alunos devem ser sujeitos ativos na construção do conhecimento e nada melhor do que aliar habilidades, competências, métodos e técnicas de ensino diversificados para alcançar com êxito o propósito da educação, afinal de conta o conhecimento é o principal fator da inovação do ser humano, e cresce exponencialmente na medida em que é explorado.



REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. *et al.* Construção de uma escala para a avaliação da percepção de estudantes quanto ao estímulo à criatividade no sistema universitário. In: Anais da XXII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- CUNHA, Maria Isabel da. *O bom professor e sua prática*. 9. ed. São Paulo: Papirus, 1989.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. 1984. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. São Paulo: Cortez, 1984. Autores Associados, 201 p.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto. *Formação Continuada e Gestão da Educação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes indispensáveis à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. *Didática do Ensino Superior*. São Paulo: Atlas, 2006.
- GRILLO, Marlene. *O professor e a docência: o encontro com o aluno*. In: ENRICONE, Délcia (Org.). *Ser professor* 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- PORLÁN, R. *La formación de maestros en didáctica de las ciencias. Análisis de un caso. Investigación en la Escuela*, 1998.
- RIVERO, M. L. e GALLO, S. (org.). *A formação de professores na sociedade do conhecimento*. São Paulo: Edusc, 2004.